

## Capítulo VIII

Valor social das raças e povos negros que colonizaram o Brasil, e dos seus descendentes

Raymundo Nina Rodrigues

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RODRIGUES, RN. *Os africanos no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. pp. 287-298. Valor social das raças e povos negros que colonizaram o Brasil, e dos seus descendentes. ISBN: 978-85-7982-010-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## CAPÍTULO VIII

### Valor social das raças e povos negros que colonizaram o Brasil, e dos seus descendentes

#### Sumário:

I. Raças e povos Africanos, de cuja introdução no Brasil há provas indiscutíveis. II. Razões improcedentes da incapacidade do negro para se adaptar às civilizações das raças superiores. III. Afirmções apressadas sobre a impossibilidade futura da civilização do negro. Exageradas pretensões otimistas a favor do negro. Sua aptidão a uma civilização futura. IV. Termos do problema-negro no Brasil. Capacidade cultural do negro brasileiro. V. Capacidade evolutiva e civilizadora de negros e brancos. VI. Distinção entre os verdadeiros negros e os chamitas mais ou menos pretos. VII. Negros bantus e sudaneses.

I. Os dados e documentos coligidos neste trabalho permitem distribuir no seguinte quadro as raças e povos africanos de cuja introdução no Brasil há provas certas e indiscutíveis:

#### I. Chamitas africanos:

*Fulás, (Bérberes (?), Tuaregs (?)).*

Mestiços chamitas : *Filanins, Pretos-Fulos.*

Mestiços chamitas e semitas: *Bantus orientais.*

#### II. Negros bantus:

a) Ocidentais: *Cazimbas, Schéshés, Xexys, Auzazes, Pximbas, Tembós, Congos (Martius e Spix), Cameruns.*

b) Orientais: *Macuas, Anjicos (Martius e Spix).*

#### III. Negros Sudaneses:

a) *Mandês: Mandingas, Malinkas, Sussus, Solimas.*

b) Negros da Senegâmbia: *Yalofs, Falupios, Sérêrês, Kruscacheu.*

c) Negros da Costa do Ouro e dos Escravos: *Gás e Tshis: Ashantis, Minas e Fantis (?) Gêges ou Ewes, Nagôs, Beins.*

d) Sudaneses centrais: *Nupês, Haussás, Adamauás, Bornus, Guruncis, Mossis (?).*

#### IV. Negros Insulani: *Bassós, Bissau, Bixagós.*

Será escusado dizer que a esta enumeração bem podem e devem ter escapado muitos povos negros que, principalmente no curso dos três primeiros séculos do tráfico, não deixaram de sua passagem vestígios nem documentos. Seguramente, africanos de muitas outras nacionalidades haviam de ter entrado no Brasil, mas não está na nossa intenção arrolar todas as nações, povos ou tribos que aqui tivessem tido representantes. Essa tarefa pode ser muito curiosa e atraente para espíritos desocupados, mas poucos frutos promete. Apenas nos preocupam aqui aqueles povos negros, que, pelo número de colonos introduzidos, pela duração da sua imigração, ou pela capacidade e inteligência reveladas, puderam exercer uma influência apreciável na constituição do povo brasileiro.

Para julgar a colonização africana no Brasil, do ponto de vista do valor social dos colonos, temos que basta aquela enumeração.

Nesta apreciação, resolutamente pomos à margem as discussões insolúveis sobre a natureza e espécie da inferioridade da raça negra.

II. De fato, não é a realidade da inferioridade social dos negros que está em discussão. Ninguém se lembrou ainda de contestá-la. E tanto importaria contestar a própria evidência. Contendem, porém, os que a reputam inerente à constituição orgânica da raça e, por isso, definitiva e irreparável, com aqueles que a consideram transitória e remediável. Para os primeiros, a constituição orgânica do negro modelada pelo *habitat* físico e moral em que se desenvolveu, não comporta uma adaptação à civilização das raças superiores, produtos de meio físico e cultural diferente. Tratar-se-ia mesmo de uma incapacidade orgânica ou morfológica. Para alguns autores, e Keane esposa esta explicação, seria a ossificação precoce das suturas cranianas que, obstando o desenvolvimento do cérebro, se tornaria responsável por aquela consequência. E a permanência irreparável deste vício aí se está a atestar na incapacidade revelada pelos negros, em todo o decurso do período histórico, não só para assimilar a civilização dos diversos povos com que estiveram em contato, como ainda para criar cultura própria.

Bem pouco valiosas e procedentes se afiguram estas razões. A ossificação precoce das suturas cranianas, excluído o caso patológico aqui inadmissível, há de ser um produto da evolução morfológica, proporcional e paralela à evolução funcional, de que é um caso apenas o desenvolvimento físico ou mental. Impossível, pois, tornar uma responsável pela outra. A ossificação será precoce mas não prematura, pois ocorre em tempo e de harmonia com o reduzido desenvolvimento mental de que os povos negros são dotados. Recentemente a experiência clínica desfez uma ilusão fundada em erro análogo, por um momento triunfante em neuropatologia. A suspeita ou a crença de que a ossificação precoce das suturas cranianas fosse a causa do atraso no desenvolvimento mental dos idiotas e imbecis, em virtude da insuficiência do espaço oferecido ao desenvolvimento cerebral, acham o seu corolário prático no preconício da craniotomia, intervenção cirúrgica destinada a remediar aquele defeito. Mas a experiência frustrou as generosas esperanças depositadas nesta intervenção, demonstrando, como era de esperar, que atraso cerebral e precocidade craniana se subordinavam ao

mesmo vício degenerativo, tinham a sua causa comum na mesma anomalia evolutiva, e não se ligavam entre si por laços diretos de interdependência genética.

III. Demasiado escasso, por outro lado, é o curto espaço do período histórico para nele se fundar a afirmação categórica de uma impossibilidade futura de civilização do negro. Quando nos ensina a explicação evolutiva, que andavam errados todos os cálculos ou cálculos da idade humana e que por milênios de séculos se devem contar as aquisições lentas e progressivas do seu aperfeiçoamento, não é argumentando com o que nos ensina o curto período do conhecimento histórico dos povos que se pode lavar a condenação do negro a uma estagnação eterna na selvageria.

No entanto, não pecam menos por exageradas as pretensões otimistas. A alegação de que por largo prazo viveu a raça branca, a mais culta das seções do gênero humano, em condições não menos precárias de atraso e barbaria; o fato de que muitos povos negros já andam bem próximos do que foram os brancos no limiar do período histórico; mais ainda, a crença de que os povos negros mais cultos repetem na África a fase da organização política medieval das modernas nações européias (Beranger Feraud), não justificam as esperanças de que os negros possam herdar a civilização europeia e, menos ainda, possam atingir a maioria social no convívio dos povos cultos.

O que mostra o estudo imparcial dos povos negros é que entre eles existem graus, há uma escala hierárquica de cultura e aperfeiçoamento. Melhoram e progridem; são, pois, aptos a uma civilização futura. Mas se é impossível dizer se essa civilização há de ser forçosamente a da raça branca, demonstra ainda o exame insuspeito dos fatos que é extremamente morosa, por parte dos negros, a aquisição da civilização europeia. E diante da necessidade de, ou civilizar-se de pronto, ou capitular na luta e concorrência que lhes movem os povos brancos, a incapacidade ou a morosidade de progredir, por parte dos negros, se tornam equivalentes na prática. Os extraordinários progressos da civilização europeia entregaram aos brancos o domínio do mundo, as suas maravilhosas aplicações industriais suprimiram a distância e o tempo. Impossível conceder, pois, aos negros como em geral aos povos fracos e retardatários, lazeres e delongas para uma aquisição muito lenta e remota da sua emancipação social. Em todos os tempos não passou de utopias de filantropos, ou de planos

ambiciosos de poderio sectário, a ideia de transformar-se uma parte de nações às quais a necessidade de progredir mais do que as imitações monomaníacas do liberalismo impõe a necessidade social da igualdade civil e política, em tutora da outra parte, destinada à interminável aprendizagem em vastos seminários ou oficinas profissionais. A geral desapareição do índio em toda a América, a lenta e gradual sujeição dos povos negros à administração inteligente e exploradora dos povos brancos, tem sido a resposta prática a essas divagações sentimentais.

IV. Não é, pois, a concepção teórica, toda especulativa e não demonstrada, de uma incapacidade absoluta de cultura dos negros, que merece preocupar povos, como o brasileiro, que, com a escravidão africana, receberam e incorporaram em sua formação étnica doses colossais de sangue negro. O que importa ao Brasil determinar é o quanto de inferioridade lhe advém da dificuldade de civilizar-se por parte da população negra que possui e se de todo fica essa inferioridade compensada pelo mestiçamento, processo natural por que os negros se estão integrando no povo brasileiro, para a grande massa da sua população de cor.

Capacidade cultural dos negros brasileiros; meios de promovê-la ou compensá-la; valor sociológico e social do mestiço árioafricano; necessidade do seu concurso para o aclimamento dos brancos na zona intertropical; conveniência de diluí-los ou compensá-los por um excedente de população branca, que assuma a direção do país: tal é na expressão de sua rigorosa feição prática o aspecto por que, no Brasil, se apresenta o problema o *Negro*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Eis como Morselli aprecia recentemente as consequências, nos Estados Unidos, do cruzamento de negros e brancos, ainda nas suas melhores hipóteses. “Se questa fusione si intende nel senso biologico — cioè che dalle unione fra i Negri e i Bianchi debba uscire una razza meticcica veramente *Afro-Anglosassone*, — l’avvenire della grande nazione ne sarebbe minacciato. Sono, infatti, vantaggiose soltanto le mercolange di elementi etnici non troppo dissimili. Sotto tale riguardo l’immigrazione Olandese, la Tedesca, l’Italiana portano utilissimo contributo alla definitiva formazione del neo-tipo etnico Nord-Americano, temperando vicendualmente le tendenze eccessive delle singole stirpi ed arrecando ognuna il suo corredo di buone attitudine nazionali. Ma i Negri sono al disotto dei Bianchi in tutto: nella energia vitale, nella intelligenza, nel carattere. Ove il loro numero fosse soverchio, il tipo misto che uscirebbe dall’unione completa fra le due Razze non potrebbe a meno dal ritenere parte di quella deficienza, e quindi si abbasserebbe. Che se l’elemento Negro sarà invoco scasso, avrà luogo il suo completo assorbimento, e dopo poche generazioni tutti i

Adstrito por agora ao exame da capacidade cultural do negro brasileiro, é a este padrão da morosidade extrema em considerar-se que a havemos de referir, pois, se o futuro do Brasil dependesse de chegarem os seus negros ao mesmo grau de aperfeiçoamento que os brancos, muitas vezes se poderiam transformar antes os seus destinos de povo, se é que algum dia se houvesse de realizar. Ocorre, portanto, demonstrar que de fato nessa morosidade reside o ponto fraco da civilização dos negros.

V. Naturalmente preferiremos dar aqui a experiência dos observadores mais favoráveis à raça negra. E para os negros da África, nos limitaremos a uma justa e profunda análise de Ellis.

Como resultado de todas estas influências desfavoráveis, a energia de todo o povo degenerou em indolência e gozos sensuais e para sair desta situação serão necessários séculos, porque a natureza exerce sobre o desenvolvimento do ser humano uma influência soberana que é tanto mais poderosa quanto mais próximo se acha o povo do estado primitivo, pois nas sociedades civilizadas vai-se aprendendo gradualmente a combatê-la. Contudo, em tudo isto vemos efeitos de condições externas e não há razão para supor que originalmente as raças brancas possuam capacidade mental superior à das raças negras. Se conseguiram atingir aos mais altos sucessos no mesmo período de tempo, foi isso apenas porque elas se acharam situadas com mais felicidade. Mas atualmente muitos ingleses, especialmente os que estão empenhados na propagação das diferentes formas do Cristianismo, parecem supor que, se esta religião fosse imposta aos negros, teria isto como consequência quase imediata uma civilização negra aproximadamente equivalente à européia. Acreditam eles que a nossa civilização é uma consequência da nossa religião, quando a verdade é exatamente o oposto. Todavia, o negro pagão que, para usar a frase consagrada, se converte ao Cristianismo, não se eleva por isso ao nível moral do europeu. As características morais

---

discendenti saranno tornati al tipo atonico piú forte: ad ogni modo, il lavoro di fusione avrà sempre apportato alla razza superiore una notevole perdita d’energia e di tempo, e avrà con ciò ritardato i progressi della civiltà Americana”.

Julgada nas condições particulares da colonização do Brasil, seria erro deplorável reconhecer a utilidade relativa do cruzamento Afro-lusitano em que se vai absorvendo o elemento negro da nossa população. Mas impossível desconhecer que esta melhor hipótese para que apelamos como para uma nossa vantagem sobre os Estados Unidos na solução do problema “O Negro”, pelo menos incide na última alternativa formulada por Morselli.

transmitidas pela herança não são mais suscetíveis do que as físicas de ser apagadas pela simples mudança de crenças; e o negro convertido rebaixa invariável e necessariamente a nova religião ao nível de sua própria cultura mental<sup>2</sup>. Em todo caso nós temos atualmente uns dois mil anos de avanço sobre o negro e não é esta uma lacuna que se possa vencer de um salto. Qualquer tentativa de impor à força ao negro as nossas condições artificiais de existência há de falhar, pois os caracteres de raça não podem ser transformados de repente: e mesmo quando fosse possível impor-lhes a nossa civilização, esta não seria duradoura, porque entre a situação deles e a nossa faltariam as fases de transição. Para ser permanente, a civilização deve ser gradual; pois só quando um passo avante está dado com segurança é que o caráter de raça se torna firme e capaz de sofrer novo impulso.

Não adianta acumular citações, em relação ao negro da África; este é o sentir comum dos etnólogos de competência. Indagaremos o que se passa na América, onde estão os negros colocados em condições de meio e cultura a todos os respeitos mais favoráveis do que os da África. Apreciando os progressos realizados pelos negros norte-americanos nos trinta anos que decorrem de sua libertação, afirma Mandarini, autor francamente favorável aos negros:

Posto que o negro da América tenha progredido muito exteriormente, posto tenha assimilado as formas da vida civil, todavia, no fundo d'alma, ele é ainda uma criança; de bem pouco tem ultrapassado aquele estádio infantil da humanidade em que se acha o seu coirmão da África. Destes escrevia Stanley no *Times*: Para dirigi-los e viver entre eles, é necessário a gente resolver-se decididamente a considerá-los como crianças que requerem certos métodos diferentes de direção por parte dos cidadãos ingleses ou americanos: devem, porém, ser dominados com o mesmo espírito, com a mesma falta de capricho, com o mesmo respeito essencial que se deve aos nossos semelhantes. No dizer de todos os viajantes, escreve Letourneau, é bem a meninos europeus que se deve comparar a maior parte das raças negras da África: elas tem da infância a leviandade, o capricho, a imprevidência, a volubilidade, a inteligência ao mesmo tempo viva

---

<sup>2</sup> Tive a satisfação de ver confirmadas neste assérto observações por mim feitas e demonstradas para o negro brasileiro (*Ilusões da catequese no Brasil*, in "Rev. Bras.", 1896), numa época em que eu ainda não conhecia a obra de Ellis.

e limitada. Em outra obra, escrevia: Para o negro da África, abandonado a si mesmo e vivendo segundo a própria natureza, o impulso dominante parte menos frequentemente do cérebro do que do estômago. Passar de tal fase de desenvolvimento àquela que caracteriza as nações civis modernas não é coisa, por certo, factível em um trintênio de vida civil: não um trintênio, mas séculos e séculos são precisos para que os dotes sociais, adquiridos pelos Afro-Americanos em seu contato íntimo com os brancos, transmitindo-se de geração em geração, se tornem caracteres da raça negra na América. Na escala da civilização, os Afro-Americanos ocupam ainda um dos últimos degraus, a raça anglo-saxônia um dos primeiros, senão o primeiro: os Americanos tem plena consciência de tal fato e não se podem resolver a tratar de igual para igual com uma gente tão inferior a eles, do mesmo modo que o adulto não trata a criança de igual para igual, nem as classes superiores às inferiores.

Comentando os conceitos de Mandarini, por demais favoráveis aos negros americanos, pondera o prof. Morselli:

Nenhum antropologista poderá jamais admitir uma igualdade de capacidade evolutiva entre o branco e o negro. O mais humanitário dos antiescravistas jamais poderá cancelar as diferenças biológicas entre os homens. Acaso não são elas tais e de tal intensidade que induzam alguns dos mais competentes naturalistas, qual um Linneu, um Fred. Muller, e um Maeckel, a admitir que as chamadas raças humanas são outras tantas espécies biologicamente distintas do gênero *Homo*?... O Negro, principalmente, é inferior ao Branco, a começar da massa encefálica, que pesa menos, e do aparelho mastigatório que possui caracteres animais, até às faculdades de abstração, que nele é tão pobre e tão fraca. Quaisquer que sejam as condições sociais em que se coloque o Negro, está ele condenado pela sua própria morfologia e fisiologia a jamais poder igualar o Branco. Para que se pudesse verificar tal acontecimento histórico-antropológico, fora mister uma circunstância bem improvável, senão impossível: a perda, por parte do Branco, da sua capacidade de adaptação progressiva. Só uma parada da civilização europeia e Anglo-Americana daria tempo aos Negros para, na sua lentíssima e não espontânea evolução, atingir-nos e igualar-nos. Mas enquanto a civilização americana for progressiva, as aquisições que aquele grande povo realiza cada ano aumentarão, fecundarão sucessivamente o mundo, e, enquanto o Negro tiver dado um curto passo, os Anglo-saxões terão tomado tal impulso que excederão

sempre aos seus concidadãos de cor. Por outro lado é estranho que espere alguém possam os Afro-Americanos civilizar-se tanto quanto os Brancos. Estes otimistas não refletem que a civilização nasceu na Europa de causas particulares da raça, clima e ambiente e que bem diversa teria sido se nascesse espontaneamente em o meio de populações cafres ou sudanesas.

No entanto, por mais instrutivo que seja o conhecimento desta desigualdade na capacidade evolutiva e civilizadora de negros e brancos, ela não esgota hoje a questão dos negros no Brasil.

Dada a sua absorção na população compósita do país, e por outro lado dadas as diferenças de capacidade e graus de cultura entre os povos negros importados, está claro que a influência por eles exercida sobre o povo americano que ajudaram a formar será tanto mais nociva quanto mais inferior e degradado tiver sido o elemento africano introduzido pelo tráfico. Ora, os nossos estudos demonstram que, ao contrário do que se supõe geralmente, os escravos negros introduzidos no Brasil não pertenciam exclusivamente aos povos africanos mais degradados, brutais ou selvagens. Aqui introduziu o tráfico poucos negros dos mais adiantados e mais do que isso mestiços chamitas convertidos ao Islamismo e provenientes de estados africanos bárbaros sim, porém dos mais adiantados.

VI. De fato, a primeira discriminação a fazer entre os africanos vindos para o Brasil é a distinção entre os verdadeiros negros e os povos chamitas que, mais ou menos pretos, são todavia um simples ramo da raça branca e cuja alta capacidade de civilização se atestava excelentemente na antiga cultura do Egito, da Abissínia, etc. Temos assentado que o Brasil recebeu chamitas puros como os Fulás ou Filanins, do Haussá e talvez com os Fulás-Fulás, do Futa-Djaland, vindos com os escravos da Senegâmbia. Para os Fulás, do Haussá, o fato está comprovado no testemunho dos contemporâneos. Somente, tendo sido muito reduzidos em número, não se lhes pode atribuir grande influência na colônia africana do Brasil. Ao contrário, o número dos mestiços chamitas foi muito considerável e muito poderosa a ação por eles exercida. Sangue chamita pelos Fulás orientais recebemos nós com os Haussás, Adamauás e Bornús; e pelos Fulás ocidentais, do Futa-Djaland, com os *pretos fulos* da Gâmbia e da Guiné Portuguesa. Mas sangue chamita recebemos ainda com os Bantus orientais, vizinhos e aparentados com os Chamitas Wahuma e Massai, da região dos

lagos, e ainda com os Galos e Somalis. Não sabemos se outros chamitas vieram ao Brasil. Dos negros que vieram escravos para a colônia, o Visconde de Porto Seguro inclui Bérberes. Sem explicação como está feita esta indicação, não se sabe se ela se refere a Fulás ou a outros Chamitas, do Saara ou da África Setentrional. Mesmo sangue semita nos devia ter entrado com os Bantus orientais, tão expostos a incursões e misturas com os Árabes, que neles julgou Stanley predominar esta influência. Também não é fácil nos mestiços Bornus separar a influência chamita da semita. O que sabemos por experiência própria da superioridade em inteligência e cultura do mestiço árioafricano sobre os negros, se confirma na influência exercida pelos Fulás e seus mestiços nos povos mais cultos do Sudão. Por toda parte estiveram eles à frente dos grandes impérios e reinos e com eles penetrou o Islamismo na África.

Se não é lícito depor nestes mestiçamentos esperanças exageradas, pois, embora irrequietos, inteligentes, ativos e empreendedores, os Taucaulenses<sup>3</sup> se revelam simples povos negros, em todo caso se compreende que, no meio americano muito mais favorável, estes mestiços possam adquirir valor comparável ao do cruzamento árioafricano. Como quer que seja, a existência de chamitas pretos, puros ou mestiços, entre os escravos africanos que vieram para o Brasil, retira todo valor ao argumento que leva a invocar a favor da capacidade da raça negra e o exemplo de alguns homens negros de reconhecida superioridade intelectual. Quando mesmo estes não fossem mestiços árioafricanos, bem podiam ser apenas chamito-africanos.

Esta tangente apenas corre o risco de multiplicar demais a prole de Cham, deste outro lado do Atlântico.

Mas, se deixados à parte os chamitas e seus mestiços, procuramos julgar das qualidades dos colonos negros, verificamos que entre eles força é estabelecer desde logo distinções e agrupamentos.

VII. A distinção principal, a mais geral e conhecida é em negros bantus e sudaneses. Mas começam as desinteligências quando se tem de estabelecer qual deles é o verdadeiro ramo negro ou de negro puro-sangue.

---

<sup>3</sup> Palavra não muito nítida no original. (Nota de H. P.).

Lepsius admite que, sob o ponto de vista linguístico, — e a distinção acima é uma distinção linguística, se pode dividir a África em três zonas: a zona Bantu, ao sul do equador; a zona Média, entre o equador e o Saara; a zona Mchamita do Saara ao Mediterrâneo, vale do Nilo à Somalis inclusive. A língua bantu seria para Lepsius peculiar à raça negra, primitiva e originária da África. As línguas da zona intermediária seriam ao contrário línguas mistas, participando do bantu e da chamítica.

Um dos etnologistas modernos mais reputados, Keane, sustenta ao contrário, como muitos outros, que o verdadeiro negro é o sudanês.

Falando em geral, diz ele, as populações *Bantus* mostram modificações notáveis do tipo negro na sua cor mais clara, na sua maior capacidade craniana, nos dentes menores e no prognatismo menos pronunciado. Elas são notavelmente mais inteligentes, mais civilizadas e mais capazes de ulterior desenvolvimento do que o Negro puro sangue... As raças de língua Bantu são povos negróides mestiços, sendo indubitavelmente o Negro o elemento predominante, como bem mostra o predomínio geral do preto, de cabelo lanzudo, a cor escura, além das superstições grosseiras associadas à feitiçaria, de caráter essencialmente Negro. Com o substrato Negro estão misturados invasores semitas (Árabes) na Costa oriental e por toda parte, mais provavelmente Chamitas, principalmente Galos, provenientes do Noroeste.

No entanto, se comparam os povos Bantus aos Sudaneses, tem-se a impressão de que, através de toda a culta e sanguinária barbaria dos últimos, povos há no Sudão que atingiram a uma fase de organização, grandeza e cultura que nem foi excedida, nem talvez atingida pelos Bantus. Quando se acompanha a história movimentada da família Mandê, a sua remota influência nos impérios da bacia central do Niger, embora talvez sob o influxo dos Bérberes e Fulás, a sua atividade atual, inteligente e progressista, a competência vantajosa, segundo Binger, que move aos Fulás, é difícil acreditar que lhes sejam superiores os negros austrais. Mas não é só esta família. Os Ashantis são, no acordo geral dos observadores, um dos povos mais civilizados da África. E o cel. Ellis mostra que os povos da Costa dos Escravos, em particular os Dahomys e Iorubanos tem atingido um período adiantado de organização. Mais adiantados são, por ventura, os Haussás, em cujos domínios, ainda talvez por influxo e ascendência dos Fulás, se constituíram nações muito policiadas. E Ashantis, Emas, Nagôs e

Haussás foram longamente introduzidos no Brasil. É digno de nota que muito se acreditou na colônia portuguesa a opinião expressa por Debret que os negros do norte eram mais fortes e resistentes do que os negros do sul da África. Não está claro, porém, em Debret, se esta diferença é entre negros bantus e sudaneses, ou se, como afigura Martius, entre negros bantus do norte e do sul. Martius considera os Macuas menos inteligentes, menos ativos, mais fracos e menos aclimáveis no Brasil do que os Congos, Angolas e Cabindas.